

## **O BOTÃO DE CERTAS FLORES**

## O BOTÃO DE CERTAS FLORES

*Delegacia. Início da noite. Carlos, o delegado, entra apressado, consultando o relógio. Tem por volta de 38 anos, é branco e alto. Ainda que um pouco desalinhado e suado, percebe-se pelas roupas e pelos cabelos bem cortados seu esmero pela aparência.*

*Carlos pega o paletó que está pendurado no encosto da cadeira e o veste. Enquanto se arruma também organiza sua mesa - guarda alguns papéis, desliga o computador etc. Seu celular toca. Ele o atende.*

CARLOS – Oi, filho. O pai já tá saindo da delegacia. 30 minutos estou aí. Arrumou suas coisas? O quimono e tudo mais? Ok, então. Até já. Mas ó: fica pronto, hein? Não vá se enrolar. Tá bom. Beijo.

*Entra um policial. É Benício, um homem moreno e de baixa estatura.*

BENÍCIO - Dr. Carlos?

CARLOS – “Doutor” não, Benício. “Delegado”.

BENÍCIO – Desculpe, delegado. Força do hábito.

CARLOS - Viu se o Matias está por aí?

BENÍCIO - Não vi não, senhor.

CARLOS – Todo dia isso agora? Eu não vou cobrir o atraso dele. Hoje não. O expediente foi pesado e ainda tenho que levar meu filho ao campeonato. Caso tenha alguma ocorrência, pode fazer você mesmo o boletim. E coloca uma nota dizendo que o delegado do turno estava ausente. É a melhor coisa a ser feita. Assim vamos deixando tudo documentado. Uma hora ele vai ter que tomar jeito.

BENÍCIO – Delegado... É que já tem um lance aí.

CARLOS – Ah, não!

BENÍCIO - Mas esse é do interesse do senhor. Pode estar relacionada com o caso das crianças da Escola Municipal.

*Carlos para de arrumar suas coisas.*

CARLOS – Ok. Me dê só um minuto. (Se afasta com o celular) Oi, Lê. Amor, eu vou precisar que você leve o Pedro até o ginásio. Apareceu uma emergência aqui e o Matias, pra variar, me deixou na mão. É... Foda... Deve ter enchido a cara outra vez. Depois explico direito... Talvez seja uma pista sobre aquele caso. É... Isso... Fala pro Pedro que eu vou tentar chegar a tempo. E diz pra ele se concentrar na luta. É nisso que ele tem que focar: na luta. Tá bem, amor. Obrigado. E desculpas, viu? Mais uma vez. Te amo.

*Carlos religa o computador. Tira o paletó e ocupa a mesa.*

CARLOS – E então?

BENÍCIO - Recebemos um chamado de uma senhora que mora em um conjunto habitacional ali na Frei Damião. A Frei Damião, não sei se o senhor sabe, fica próxima à escola...

CARLOS – Eu conheço bem a região.

BENÍCIO – Ela disse que um veículo suspeito tem estado por ali na última semana. Carro de bacana. Segundo a velhinha...

CARLOS – “Senhora”, Benício.

BENÍCIO – Desculpe, delegado. Segundo a senhora o sujeito chega, estaciona e fica ali parado cerca de uma hora e meia - (consulta uma anotação) das 18 e 30 até às 20, mais precisamente - depois vai embora. Do apartamento ela não conseguiu enxergar o que ele fazia. Os vidros do carro estão com película.

CARLOS – Escura?

BENÍCIO – Dentro das normas.

CARLOS - Ok. Então vocês foram averiguar e...?

BENÍCIO – Sim. Fomos até lá e pedimos para ele que saísse. Só que ele demorou um tempo. Foi preciso insistir. Aí quando o sujeito botou o pé pra fora o Estevão o imobilizou.

CARLOS – Ele reagiu?

BENÍCIO - Não.

CARLOS – E qual o motivo da imobilização?

BENÍCIO - O senhor sabe como o Estevão é.

CARLOS – Não. Não sei. O Estevão foi violento?

BENÍCIO – Não, delegado.

CARLOS – Benício...

BENÍCIO – Ele segurou o cara, mas não chegou a machucar.

CARLOS – E a ocorrência é contra o tal sujeito ou contra o Estevão?

BENÍCIO – *(Pega o celular e o mostra)* Olhe isso, delegado: na direção do carro, na esquina da rua paralela, tem esse *outdoor* aqui. Parecia que o cara tava de olho nele quando o abordamos. Eu revistei o carro e encontrei isso no porta-luvas.

*Retira um saco plástico do bolso.*

CARLOS – O que é?

BENÍCIO – São lenços de papel.

CARLOS - Isso eu vejo.

BENÍCIO – Foram usados. Estão sujos de...

CARLOS – Sêmen?

BENÍCIO – É o que parece.

*Carlos alcança uma caixa para Benício guardar os lenços.*

BENÍCIO - E aqui estão as chaves do carro.

*Benício coloca as chaves na caixa. Elas estão presas a um chaveiro que possui uma esfera de vidro âmbar.*

CARLOS – Ok. Mande o Estevão trazer o sujeito. Enquanto isso, pegue uma identificação e faça um levantamento da ficha. Veja se existe alguma denúncia anterior ou algo do tipo.

BENÍCIO – É pra já, senhor.

*Benício sai. O policial Estevão (negro, alto, 35 anos) entra trazendo Andrei Lieberman (branco, cabelos alourados, óculos, estatura mediana, por volta de 40 anos). O homem, algemado, se mantém cabisbaixo quase todo o instante.*

CARLOS - Pode tirar as algemas, Estevão. Boa tarde.

LIEBERMAN – Boa tarde.

CARLOS - Seu nome?

LIEBERMAN – Andrei, senhor.

CARLOS – Eu sou o delegado Carlos Vilanova. Pode se sentar. Tenho algumas perguntas a fazer.

*Durante a conversa, Carlos faz o relatório. Estevão acompanha de longe, em pé, braços cruzados.*

CARLOS – Antes de mais nada, deixe que eu esclareça o motivo pelo qual o senhor está aqui. O senhor foi detido na Rua Frei Damião em atitude suspeita. Recebemos uma denúncia de que tem estado na região, nos últimos dias. Estaciona o veículo e fica ali, por mais de uma hora. Isso procede?

LIEBERMAN - Procede, senhor.

CARLOS – O senhor reside na rua?

LIEBERMAN – Não, senhor.

CARLOS – E onde mora?

LIEBERMAN - No Jardim.

CARLOS – Jardim? É um bocado longe.

LIEBERMAN – Um pouco, talvez.

CARLOS - E por quais motivos tem estado ali?

LIEBERMAN – Eu precisava... Espairecer um pouco.

CARLOS – E por que justo na Frei Damião?

LIEBERMAN – Eu... Apenas gosto daquela rua. Sinto-me bem ali.

CARLOS - Os policiais disseram que estava olhando um *outdoor* quando foi abordado. E que não quis sair de imediato.



LIEBERMAN – Na hora não reconheci que eram policiais. Eu me assustei com as batidas no vidro. Pensei que pudesse ser um assalto.

*Estevão se mostra ofendido.*

CARLOS – E quanto ao *outdoor*?

LIEBERMAN – Eu não sei de *outdoor* nenhum.

CARLOS – Na esquina da rua paralela. Tem ali um cartaz gigantesco. Uma propaganda de fraldas, com um garotinho de uns 3 anos. Quase nu. O senhor não notou?

LIEBERMAN – Não lembro de cartaz algum, senhor. Estava distraído.

*Retira o pacote de lenços da caixa.*

CARLOS – E isso? É seu?

LIEBERMAN – Me desculpe. Eu esqueci de jogar fora.

CARLOS – O senhor costuma se masturbar no carro?

LIEBERMAN – Às vezes. Mas nunca em via pública.

CARLOS - E por que não usa um lugar privativo, como qualquer um?

LIEBERMAN – Eu uso. A garagem da minha casa.

CARLOS – Por que não um banheiro?

LIEBERMAN - Eu moro com meu pai, delegado. Um senhor de idade... Prefiro assim. Sinto-me mais confortável.

CARLOS – Hum. Não sei se o senhor está a par, mas no último mês dois garotos da Escola Municipal foram sequestrados naquelas imediações.

LIEBERMAN – Sim, eu soube.

*Carlos retira da gaveta uma pasta com fotos.*

CARLOS – Esse aqui é o Eduardo, 9 anos. Desapareceu há uma semana. Esse é o Francisco - Chico, como os pais o chamavam - 10 anos. Sumiu de dentro da escola, no dia 02 deste mês. Conhece algum deles?

LIEBERMAN - Dos noticiários apenas.

CARLOS – O Eduardo ainda não foi encontrado. O Chico...

*Mostra novas fotos.*

CARLOS – Aqui está quando foi encontrado em um matagal. Foi tirado de dentro de um córrego por um morador das redondezas. Essas fotos o senhor não deve ter visto na Tv.

*Depois de fitar as imagens por um instante, Andrei, perturbado, desvia o olhar.*

LIEBERMAN – N... Não. Não, senhor.

CARLOS – Eu não permiti que nenhum jornalista tivesse acesso a elas. Está claro o porquê, não está?

LIEBERMAN – O senhor faz bem. Isso é...

*Benício surge à porta. Mostra-se constrangido.*

BENÍCIO – Delegado?

CARLOS – Pode entrar, Benício.

BENÍCIO - A ficha. Tá tudo certo. Ele tá limpo.

*Carlos analisa brevemente.*

CARLOS – Os dois podem me dar um minuto?

*Estevão não sai do lugar.*

CARLOS – Pode ir, Estevão.

*Os policiais saem.*

CARLOS – Andrei Lieberman Filho? Do escritório de advocacia?

LIEBERMAN – S... Sim. O escritório foi fundado por meu pai. Mas atualmente sou o responsável.

CARLOS – Muito bem, Sr. Lieberman. Então o senhor sabe, melhor que ninguém, que não houve flagrante de nenhum delito. O senhor não será autuado, mas a ocorrência será registrada. Estamos atendendo à solicitação de uma denunciante e é preciso dar uma resposta adequada a ela.

LIEBERMAN – Faça o seu trabalho.

CARLOS – É bom frisar que se trata de uma atitude suspeita - e nós temos sido cautelosos, sobretudo naquela área.

LIEBERMAN - Eu compreendo. Mas garanto que tudo não passou de um mal-entendido.

CARLOS – Está certo. Mais uma coisa. Com relação à abordagem dos policiais? O senhor poderia descrevê-la?

LIEBERMAN - Está tudo bem, delegado.

CARLOS – Eu quero a sua versão.

LIEBERMAN – Eu realmente demorei a sair do carro...

CARLOS – E quando saiu?

*Lieberman titubeia.*

CARLOS - Não tenha receio em me falar a verdade, Sr. Lieberman. É importante para a nossa instituição que isso seja feito. Eu avalio permanentemente a atuação dos meus homens. É parte das minhas atribuições aqui coibir abusos de qualquer natureza.

LIEBERMAN – Está certo.

CARLOS – E então?

LIEBERMAN – O policial, o de cor.

CARLOS – O negro.

LIEBERMAN – Isso. Ele me deteve.

CARLOS - E avisou que iria imobilizá-lo?

LIEBERMAN – N... Não. Fui pego de surpresa.

CARLOS - O senhor ofereceu alguma resistência?

LIEBERMAN – Nenhuma.

CARLOS – E como ele o imobilizou?

LIEBERMAN – Ele colocou o meu braço nas costas...

CARLOS – Usou força?

*Lieberman para um instante. Analisa o delegado. Torna-se mais sereno, insinuante e objetivo nas explicações.*

LIEBERMAN – Sim. Ele me segurou no punho, no direito, torceu meu braço e o puxou para trás. Depois, ele me agarrou pela nuca e me empurrou contra a tampa do motor do carro. Prensou minha cabeça contra a lataria, deu ordens para que eu

não me mexesse e começou a revistar meus bolsos. (Arregaça um pouco a manga, massageia o pulso) Havia uma marca. Mas não se pode mais notá-la.

CARLOS – Ele o ofendeu? Verbalmente?

LIEBERMAN – Quando o outro policial encontrou os... Lenços, ele ameaçou me bater caso eu não respondesse suas perguntas. Chamou-me de... “Tarado”. Foi essa expressão que usou.

CARLOS – Mais alguma coisa?

LIEBERMAN – Não. É só.

CARLOS – Muito bem.

*Carlos imprime algumas vias do relatório.*

CARLOS – Peço que o senhor confira as informações e assine.

*Ainda analisando o delegado, Lieberman assina o documento.*

LIEBERMAN – Aqui está.

CARLOS – Obrigado. Por hora é isso, Sr. Lieberman. O senhor está dispensado. Por aqui.

LIEBERMAN – Obrigado. Ah... Minhas chaves? Os policiais ficaram com elas.

*Carlos alcança a caixa com as chaves.*

CARLOS – Ah sim. Aqui estão.

LIEBERMAN – O senhor quer que eu...

CARLOS – Como queira.

*Lieberman pega o saco com os lenços sujos e o guarda no bolso. Carlos o conduz até a saída.*

CARLOS – Só peço que evite estacionar o seu veículo novamente naquela região.

LIEBERMAN – Não se preocupe quanto a isso. Eu aprendi a lição.

*Carlos estende a mão. Lieberman a aperta.*

LIEBERMAN – Tenha uma boa noite, delegado.

CARLOS – Igualmente. (Chamando de outra porta) Benício! Estevão! Os dois! Aqui!

*Os policiais retornam. Discutem entre si.*



ESTEVÃO - Foda-se que ele é figurão. Foda-se! Fosse juiz ou favelado - é tudo a mesma merda pra mim. Dou dura igual.

BENÍCIO – Vai nessa! Se um cara desses resolve ferrar com a gente, aí quero ver!

ESTEVÃO – Viesse de carteirada, botando banca, aí sim arrebentava o sujeito!

BENÍCIO – Um dia você ainda vai se dar mal! Só tem uma coisa, cara: se tu quer se foder, então que se foda sozinho!

ESTEVÃO – Se não aguenta a batida, arrume outro emprego. Eu já tô é de saco cheio de ter um bunda-mole como você ao meu lado!

BENÍCIO – Como é?

ESTEVÃO – Bunda-mole sim! É isso que tu é!

*Estevão se aproxima do colega, peitando-o. Carlos intervém.*

CARLOS – Parem com isso! Parem agora ou vou dar uma advertência - para os dois! Eu já falei que não admito nenhum tipo de excesso nesta delegacia. As coisas por aqui mudaram! Não é mais a bagunça que vocês estavam acostumados. Ou vocês andam na linha ou vão sofrer as consequências – eu já avisei! (Mais calmo)  
Sentem-se.

*Eles não obedecem.*

CARLOS – Eu disse para sentarem!

*Apenas Benício obedece.*

CARLOS – Pode fazer a gentileza, Estevão?

*Estevão senta.*

CARLOS – Muito obrigado. Aqui. (*Pega as outras vias impressas e entrega aos dois policiais*) Leiam e verifiquem se está tudo de acordo. É a ocorrência de hoje.

*Carlos senta-se também. Espera que leiam.*

CARLOS – E então? Benício? Confere o depoimento?

BENÍCIO – (contrariado) Confere, senhor.

*Carlos entrega a caneta para Benício.*

CARLOS – Então, por favor...

*Benício hesita.*

CARLOS - Pode assinar! Não tenha medo.

*Ele assina. Carlos toma a caneta e a via já assinada e as entrega para o outro policial.*

CARLOS - Estevão?

ESTEVÃO – Eu não bati no cara.

CARLOS – Está escrito isso? Eu escrevi que você bateu em alguém? Leia direito. Caso discorde de algum ponto, eu posso tomar a sua versão.

ESTEVÃO – Eu sei muito bem o que você quer com isso.

CARLOS – Eu quero ordem, policial. Ordem! Deixe eu contar uma coisinha... Vocês têm ideia de quem é o pai do sujeito que acabaram de trazer aqui? Dr. Andrei Lieberman. Conhecem? Não? Dr. Lieberman é um dos advogados mais renomados do país.

ESTEVÃO – (interrompe) Com todo o respeito, mas eu tô pouco me fodendo pra isso. Eu não sou igual à maioria aqui que borra nas calças só de ouvir um sobrenome pomposo!

CARLOS – Posso terminar, policial? Obrigado. Eu tive a honra de ter aulas com Dr. Lieberman na faculdade. Foi, de longe, o meu melhor professor – e é a minha maior referência no Direito até hoje. Além de ser um jurista brilhante, ele é dono de uma das histórias de vida mais admiráveis que conheci. Judeu, polonês, teve, aos 6 anos, toda sua família dizimada pelo nazismo. Toda. E ainda criança, conseguiu fugir do campo de concentração junto de outros prisioneiros e foi enviado para o Brasil. Aqui, ele dedicou sua carreira às causas sociais e se tornou um dos maiores nomes do direito civil que esse país já teve. Sabem a Constituição de 88? A reforma do Código Civil? Pois é. Ele contribuiu - e muito - para a existência dessas leis – leis que mudaram a nossa sociedade. Eu recomendo que vocês deem uma pesquisada e leiam os artigos que escreveu. Têm muito para aprender com isso.

ESTEVÃO – Acho que tenho coisas mais urgentes para fazer.

CARLOS – Você está mais que certo quando diz que um juiz não merece um tratamento melhor que um garoto pobre da favela. Mas erra gravemente quando não dá o tratamento adequado nem para um, nem para outro. Uso de força desnecessária, coação, ofensas. Eu estou cansado de ouvir esse tipo de reclamação. E eu avisei inúmeras vezes que deveria mudar sua conduta, mas você não me deu ouvidos. Agora eu não vejo outra solução que não a de te afastar das ruas...

ESTEVÃO – (levantando) Como é?

CARLOS - Você vai ficar comigo, por um tempo, cuidando dos serviços administrativos.

ESTEVÃO – Nem a pau!

CARLOS - E só volta para a patrulha quando – e se - melhorar o seu comportamento. Tenho certeza que será uma boa experiência.

ESTEVÃO – Pra preencher papel já temos o senhor aqui.

CARLOS – (Levanta-se) Cuidado com o que fala, policial. Ou eu abro uma ação por insubordinação.

ESTEVÃO - Você não é o primeiro que entra na polícia cheio de idealismos, delegado. Mas se acha que ter feito uma faculdade faz de você um cara preparado pra isso, está muito enganado. É preciso de gente como eu lá fora, disposta a meter a mão na bosta. Não é isso aqui (*mostra a caneta e o papel*) que vai trazer segurança àquelas crianças.

*Estevão joga os objetos no chão e sai. Instante de silêncio.*

CARLOS – Pode ir também, Benício. Pode voltar ao serviço.

BENÍCIO – Com licença.

*Carlos recolhe a caneta e os papéis. Instantes depois, o policial volta.*

BENÍCIO – Delegado. Chegaram aí mais dois travecos presos com pedra.

CARLOS – “Travestis”, Benício... “Travestis”. E o Matias?

BENÍCIO - Nem sinal. Mando entrar?

xxx

*Os atores modificam o cenário, arrastando os móveis e as paredes da delegacia, formadas por placas. Esse artifício será usado todo o espetáculo, a cada nova cena. Tem-se, assim, uma espécie de labirinto móvel que é redesenhado a todo instante.*

*Uma pequena sala da delegacia. No quase escuro, Carlos termina de fazer seu lanche. Consulta o relógio e liga para a esposa.*

CARLOS - Oi, Lê. Já posso falar, amor. Não. Tô no intervalo. Vou ficar até a madrugada. Não... Mais um alarme falso. Você não vai acreditar. Pegaram, dessa vez, um advogado. Filho do Lieberman, aquele meu professor da faculdade. Isso. Esse mesmo. Pode? Os meninos encontraram no carro dele lenços de papel sujos de porra e acharam que pudesse ser um abusador. Mas não tem a menor pinta. Deve ser só mais um desses punheteiros que ficam por aí, se masturbando às escondidas. Ai, amor. Tá bom... Tá bom. Desculpas por magoar esses ouvidos sensíveis... Não. Nada. Muito pelo contrário. Não disse um “a”. Não sabia onde

meter a cara de vergonha. E o Estevão ainda queria bater no sujeito. Como se eu já não tivesse problemas o suficiente aqui.

*Em paralelo à fala de Carlos, outra cena ocorre. Um fraco som de chuva. Andrei chega, usando uma capa já molhada. Tem uma sacola com jornais e revistas. Desarma o guarda-chuva. Monta, para si, uma espécie de cubículo. Por fim, tira a capa. Seca as revistas com a fralda da camisa. Há fotos de crianças nas capas. Depois, separa um determinado caderno do jornal. Procura uma notícia e a lê.*

CARLOS - Mas e aí? E o Pedro? Como foi? É? Pô! Eu falei pra ele: foco! Tem que ter foco! Mas o Pedro é muito disperso, sem vontade - assim não tem como! Mas e ele? Ah! Essa ideia de natação de novo, amor? Depois de 4 anos treinando, largar tudo assim? Não. Ele não pode desistir. Perder também faz parte. E o judô tem muito mais a acrescentar do que natação – o Pedro sabe disso, já expliquei. Mas deixe: amanhã converso com ele. E me diz: ele ficou chateado comigo? Hum. E o que eu posso fazer? É o meu trabalho. Eu sei, Lê! Sei que foi uma escolha minha. Lê! Lê: eu não quero discutir isso outra vez. Tá bom? Ok. Olha... Final de semana é a minha folga. Se quiserem a gente pode fazer alguma coisa. Não sei, amor. O que vocês decidirem. Claro que quero! Não é má vontade, Lê. Tô cansado, só isso! Você sabe que as coisas andam puxadas aqui, mas a gente pode fazer algo, sim. Vai ser bom. Assim eu aproveito e me distraio um pouco. Tá. Tenho que desligar agora. Ainda tenho umas encrencas aqui. Amanhã falamos melhor. Tá bom. Beijo.

*Carlos sai. Barulho de chuva se intensifica. Tiros. Pessoas gemem, alvejadas. Andrei folheia as revistas. Carlos volta com outra roupa, agora informal. Ansioso e*

*excitado, Andrei fecha-se no cubículo. Carlos o ajuda a mover a placa. Nisso, outro cenário é revelado: a sala da casa do delegado. Carlos se acomoda e joga um game de tiros, em primeira pessoa. Seu personagem no jogo não aparece. Vemos, na tela, apenas suas mãos e o cano da arma. Ele anda por uma espécie de labirinto, matando bandidos.*

CARLOS – (chama) Ô, Pedro?

*Nada.*

CARLOS – Pedro? Venha jogar com o pai.

*Nada.*

CARLOS – Ô, Pedro? Eu tô falando com você.

*Irritado vai até a porta de outro cômodo.*

CARLOS – Você não me ouviu chamar, Pedro? É? E por que não respondeu? Até quando você vai ficar assim, hein? Nós já não conversamos? Eu já não expliquei o que aconteceu? Você tem 12 anos, Pedro. Não é mais uma criancinha! É grande o suficiente pra entender que eu tenho minhas obrigações. Você devia era se orgulhar de mim - e não me julgar. Olha... Eu já pedi desculpas, não pedi? Pois então... Mas se quiser ficar aí, emburrado, trancado o dia todo, o azar é só teu. Porque isso, pra mim, não passa de frescura. Já deu, ok? Já deu! (Voltando, murmura) Saco!



*Retoma o jogo. Seu celular toca.*

CARLOS – Alô?

xxx

*Ainda chove. No necrotério, um pequeno corpo coberto sobre a mesa. Vemos apenas seus pés, inchados. Benício aguarda. Carlos, um pouco molhado, chega despindo seu sobretudo.*

CARLOS – Benício...

BENÍCIO – É ele, delegado. Os pais acabaram de sair daqui. O garoto foi encontrado naquele mesmo córrego.

*O policial entrega algumas fotos ao chefe.*

BENÍCIO – Dessa vez o sujeito foi mais safo. Colocou o corpo em um saco e encheu ele de pedras pra que não flutuasse.

CARLOS – Alguma pista?

BENÍCIO – Não.

CARLOS – Sêmen? Algum pelo ou fio de cabelo?

BENÍCIO – Nada, por enquanto. Mas ninguém tem dúvidas que seja o mesmo cara. Só de olhar dá pra saber. O infeliz estraçalhou o coitadinho.

*Carlos levanta o lençol. Balança a cabeça, condoído e indignado.*

BENÍCIO – O senhor vai falar com os jornalistas? Tem um bando deles aí fora.

CARLOS – É... Eu vi. Daqui a pouco... Daqui a pouco eu vou.

BENÍCIO – Delegado, se o senhor me der licença... Eu preciso tomar um ar. Isso aí me...

CARLOS – Claro. Pode ir.

*Benício dirige-se para a saída.*

CARLOS – Ah, Benício. Só não esqueça de me entregar o relatório. Preciso dele o quanto antes. O mais detalhado o possível.

BENÍCIO – (um tanto ofendido) Pode deixar, delegado.

*Benício sai. Bravo, Carlos dá um único golpe com o punho na parede. Controla-se.*

XXX

*Na escuridão, Andrei em seu notebook. Digita. Murmura suas frases quando as escreve.*

LIEBERMAN – Oi.

*Aguarda um instante. Um sinal sonoro avisa que uma mensagem chegou. A conversa que segue no chat é projetada. Lieberman escolhe as palavras com cuidado, muitas vezes alterando frases antes de enviá-las. O interlocutor, por sua vez, se mostra um tanto evasivo, demorando, muitas vezes, em suas respostas.*

INTERLOCUTOR – Oi.

LIEBERMAN - Como vai?

INTERLOCUTOR – Tudo bem

LIEBERMAN - Você estuda na Escola Municipal?

INTERLOCUTOR – Sim

LIEBERMAN - Em qual série está?

INTERLOCUTOR – 4a

LIEBERMAN - E o que gosta de fazer no tempo livre?

INTERLOCUTOR – Jogar videogame

LIEBERMAN – Legal. (atrapalhadamente escolhe uma carinha) Gosta de piscina?

INTERLOCUTOR - Sim

LIEBERMAN - Eu tenho uma em minha casa.

*Manda uma foto da piscina.*

LIEBERMAN - Gostaria de vir aqui tomar um banho?

INTERLOCUTOR – Quando?

LIEBERMAN – Amanhã. Que tal?

INTERLOCUTOR – Tenho aula

LIEBERMAN - E se você faltar?

INTERLOCUTOR – Minha mãe não vai deixar

LIEBERMAN – É só um dia

INTERLOCUTOR – Não sei

LIEBERMAN - Se você não contar para ninguém não terá problemas. Fica em segredo. Posso buscar você, perto da escola e trazer, de volta, no fim do dia.

xxx

*Outro dia. Benício chega à delegacia. Estevão está em sua pequena mesa. Ainda há certo mal estar entre eles.*

ESTEVÃO - E aí, cara?

BENÍCIO – Tudo indo.

ESTEVÃO – Fazendo o que por aqui?

BENÍCIO – Motor daquela sucata deu pau outra vez. Não dá pra trabalhar com um lixo daqueles. (ironizando) E você? Como vai o novo trabalho?

ESTEVÃO - Não sei como tem gente que aguenta passar o dia preso.

BENÍCIO - Olha... (*serve-se com café*) Depois das últimas eu bem que gostaria de trocar de lugar com você por uns dias. Semana tá foda. Não tenho conseguido pregar o olho. Pessoal acha que a gente que é da polícia não se abala com nada, que já viu de tudo, só que um negócio desses...

ESTEVÃO – É. Sei bem como é isso.

BENÍCIO – E o homem?

ESTEVÃO - Foi a uma reunião com o corregedor.

BENÍCIO – Ixi! Corregedor, é? Lascou-se. Os caras vão tirar o couro dele.

ESTEVÃO – Alguém tem que fazer alguma coisa. Se depender do doutorzinho não vai sobrar uma criança viva naquela escola... Eu não entendo a desse sujeito... O cara com escritório montado, bem de vida e aí, do nada, resolve largar tudo e virar delegado. Ele não tem a menor noção de como as coisas funcionam. E só tem fodido tudo com essa cagação de regra.

BENÍCIO – Ele tem essas ideias meio fora da realidade, mas é bem intencionado.

ESTEVÃO – “Bem intencionado”... Não passa de um burguesinho de bosta, criado debaixo da saia da mãe – é isso que ele é. Acha que veio pra brincar de mocinho e bandido...

BENÍCIO – É... Mas deixe estar. Se a coisa continuar apertando, logo o cara pede arrego e volta pra vidinha de antes. Ele não precisa disso.

*Instante de silêncio*

ESTEVÃO - Cara... Tava precisando falar um negócio aí contigo.

BENÍCIO – Fala.

ESTEVÃO - Apesar daquele nossa treta, sei que posso contar com tua parceria. Tu me conhece. Sabe que sou meio esquentado. Mas não falei nada daquilo por mal.

BENÍCIO – *(pega no ombro do colega)* Eu sei, meu chapa. Também te considero. Diga lá: em que posso ajudar?

ESTEVÃO – Eu resolvi seguir o esquisitão.

BENÍCIO - Que esquisitão?

ESTEVÃO - O advogado. O tal de Lieberman.

BENÍCIO – Porra, Estevão! Até fora da patrulha, tu vai atrás de confusão?

ESTEVÃO - Aproveitei que ontem era minha folga e passei o dia no enalço do cara.

BENÍCIO – Tá. Mas e aí?

ESTEVÃO – Tu não vai adivinhar onde ele foi pela manhã.

BENÍCIO – Não faço ideia.

ESTEVÃO - Escola Municipal.

BENÍCIO – Porra... Sério?

ESTEVÃO – Seríssimo. E eu vi ele conversando sabe com quem? Com a diretora. O cara tem acesso à escola, tem amizade lá dentro.

BENÍCIO – E tu não vai contar pro delegado?

ESTEVÃO - Se ele sabe que fiz isso, aí que ele me ferra!

BENÍCIO – É... Tem razão. Melhor mesmo ficar na tua - pelo menos até a poeira abaixar. Mas deixe comigo. Eu vou até lá ter com essa diretora, ver se descubro alguma coisa.

ESTEVÃO - Mas não foi só isso. À noite o sujeito resolveu voltar pra Frei Damião. Estacionou naquele mesmo lugar, perto do *outdoor*.

BENÍCIO – E aí? Viu alguma coisa suspeita?

ESTEVÃO – Eu fiquei dentro do meu carango, na espreita, umas 4 quadras dali. Só que tava escuro e não dava pra ver muita coisa.



BENÍCIO – O maluco deve ter ido descascar uma.

ESTEVÃO – Antes fosse... Uns 10 minutos depois, apareceu um moleque na área – e ele foi direto pro carro do cara. Nem conversaram. Foi logo entrando e se acomodando no banco de trás.

BENÍCIO – Filho da puta!

ESTEVÃO – E o moleque tava de uniforme. Adivinha de onde?

BENÍCIO – Da Escola Municipal?

*Estevão concorda.*

BENÍCIO - Caralho! Mas e aí?

ESTEVÃO – Aí ele se mandou.

BENÍCIO – E tu não foi atrás?

ESTEVÃO - É lógico que fui! O que mais que eu podia fazer? O cara entrou na rodovia, e eu dei mó pau, até ficar na cola. Quando consegui ultrapassar não pensei duas vezes: meti meu carango na frente dele. O cara quase me acertou na porta. Aí eu peguei meu três-oitão, desci e fui até ele. Puxei o sujeito para fora e meti um murro no nariz que fez o infeliz se esborrachar no meio do asfalto. Nisso, o tal

moleque pulou na minha frente, tentando me segurar. Cara... Era a bosta de um michê!

BENÍCIO – Um michê?

ESTEVÃO – Uma bichinha com o quê? Um metro e sessenta - menos até. Mostrou o RG. 19 anos. Não tinha um pelo na cara o filho da puta. E tava de agasalho azul, camisetinha branca, mochilinha nas costas e tudo o mais. Porra! Como é que eu ia saber?

*Benício tem um ataque de risos.*

ESTEVÃO - Pode rir, meu irmão.

BENÍCIO – Um michê anão!

ESTEVÃO - Juro pra você: o veadinho tinha essa altura.

BENÍCIO - Essa eu nunca vi.

ESTEVÃO – Tarado de merda.

BENÍCIO - E o cara?

ESTEVÃO - Ah... Só queria saber de ir embora. Eu até tentei me explicar. Ia fazer o quê?

BENÍCIO – Que situação...

ESTEVÃO – Tu ri porque não foi contigo!

BENÍCIO – É... Mas já pensou se ele resolve te entregar pro chefe?

ESTEVÃO - Aí eu tô fodido. Mas duvido que essa bicha vá ter coragem de queimar a cara com isso... De qualquer maneira, eu ainda acho que aí tem coisa. Tu não acha muito esquisito esse lance dele, de ter ido até a escola, falar com a diretora? E isso de michezinho se fazendo de aluno? Qual que é a dele?

*Lieberman entra. Nariz com um curativo. Rosto levemente inchado. Nas mãos uma pasta.*

LIEBERMAN - Boa tarde.

*Os policiais se olham, espantados.*

LIEBERMAN - Policial Benício. Policial Estevão.

*Benício faz sinal para o colega, para que deixe com ele.*

BENÍCIO – Pois não, doutor?

LIEBERMAN - Eu gostaria de ter uma palavrinha com o delegado Vilanova. Ele se encontra?

BENÍCIO – Não. Ele saiu.

LIEBERMAN - Demora para retornar?

BENÍCIO - Não sei dizer. Foi a uma reunião.

LIEBERMAN - Posso aguardá-lo?

BENÍCIO - Acho que ele não volta hoje. Posso ajudar em alguma coisa?

LIEBERMAN – Não, obrigado. É somente com ele. Eu espero. Tenho o dia inteiro para isso.

*O advogado se senta na cadeira em frente à mesa do delegado. Benício faz sinal para que o colega mantenha calma. Ele se aproxima de Lieberman.*

BENÍCIO – Olha, doutor... Meu parceiro me contou do mal-entendido de ontem. Ele reconhece que fez besteira, que pisou na bola com o senhor. Mas ó... Se o doutor me permite dar uma real... Não vale a pena levar isso adiante. Não ia ser bom nem pra ele, nem pro senhor...

LIEBERMAN – Poderia me explicar melhor, policial?

BENÍCIO – Eu não tenho nada com a tua vida, doutor. O que o senhor faz ou deixa de fazer não é problema meu. Mas sabe como o pessoal da imprensa é. Se isso cai nos ouvidos dos jornalistas, iam fazer a festa com essa história. E o senhor tem um nome...

LIEBERMAN – Um nome e a consciência tranquila, policial. Como o senhor mesmo reconhece, se houve algum erro, não foi da minha parte. De qualquer forma, não estou aqui para prestar queixa. Eu sou um homem de palavra. Estevão me pediu desculpas e eu as aceitei. Não foi, policial?

ESTEVÃO – Foi sim, senhor.

LIEBERMAN – Está vendo? Não há motivos para se preocuparem.

BENÍCIO – Eu agradeço a compreensão, doutor. E prometo que isso não vai se repetir.

LIEBERMAN – Será que algum de vocês poderia me conseguir um copo de água? O calor lá fora está infernal.

BENÍCIO – É claro, doutor.

*Benício olha para Estevão. De braços cruzados, o policial não se move. Benício insiste com o olhar. A contragosto, Estevão apanha um copo de água e o serve.*

LIEBERMAN – Obrigado, Estevão.

*Nesse momento, Carlos chega, um tanto nervoso. Olha com estranheza a cena.*

CARLOS - Boa tarde.

LIEBERMAN - Olá, delegado. Como vai?

*Levanta-se para cumprimentá-lo.*

CARLOS - Bem. E o senhor?

LIEBERMAN – Excelente. Obrigado. Aguardava o seu retorno.

CARLOS – E em que posso ajudá-lo?

LIEBERMAN - Eu vim lhe trazer isso pessoalmente. Fiz questão.

*Tira da pasta um documento e o entrega.*

LIEBERMAN – Fui nomeado advogado das famílias das crianças assassinadas. Vim até aqui porque preciso fazer o ajuntamento dos documentos já disponíveis.

CARLOS - Advogado?

LIEBERMAN – Sim. Moverei uma dupla ação - contra o estado e contra o município. Afinal, ambos os meninos estavam dentro da escola quando foram sequestrados. Mesmo após o primeiro crime ser consumado, nenhuma medida foi tomada, não houve aumento do policiamento ou algo parecido, o que permitiu que o segundo garoto fosse morto. Alguém falhou na sua segurança.

CARLOS – É uma surpresa que tenha interesse no assunto.

LIEBERMAN – Desde que o senhor mostrou aquelas fotos foi impossível me manter indiferente.

CARLOS - Pois bem... Mas como o senhor deve saber, eu não posso lhe entregar os documentos sem...

LIEBERMAN – Aqui está a autorização do procurador. Ele a assinou há pouco. Foi bastante solícito. Fique à vontade se precisar conferir.

*Carlos analisa o papel, contrariado.*

CARLOS – Estevão. Traga os arquivos da Escola Municipal.

ESTEVÃO – Senhor?

CARLOS - Os arquivos da Escola Municipal. Traga-os aqui. Vamos!

*O policial encara o delegado e sai.*

CARLOS – E você, Benício? O que faz aqui a essa hora?

BENÍCIO – O motor do meu carro, delegado... Parou de vez.

CARLOS – E temos alguma viatura disponível?

BENÍCIO – É o que vim ver.

CARLOS – Pois então, vá cuidar disso.

BENÍCIO – Com licença.

*Ele sai.*

CARLOS - Sente-se, Sr. Lieberman!

LIEBERMAN - Obrigado. (Aponta o rosto) Não ligue para isso. Foi um acidente doméstico sem importância.



CARLOS - “Ação contra o estado e o município”. Vejo que tem seguido os passos do seu pai.

LIEBERMAN – O senhor o conheceu?

CARLOS – Dr. Lieberman foi meu professor na faculdade.

LIEBERMAN – Ah... Que coincidência adorável.

CARLOS - Outro dia falava dele para meus homens... Tenho grande admiração por sua história.

LIEBERMAN – Papai goza de muito prestígio até hoje.

CARLOS – E por falar nisso, como ele está? Soube que se aposentou. Está se dedicando à jardinagem? Lembro que tinha esse *hobbie*.

LIEBERMAN – Ah... Nem isso mais. Papai definha a cada dia. Alzheimer.

CARLOS – Sinto muito. Não sabia.

LIEBERMAN - Tive que afastá-lo do escritório.

CARLOS - É uma pena. Deve ser difícil vê-lo nessa situação.

LIEBERMAN – Em verdade, o pobre não dá trabalho algum a mim. Tenho em casa três enfermeiros que se revezam em seus cuidados. São eles que precisam aturar o gênio irascível que aflorou com a senilidade. Vez por outra atraca-se com eles - um triste espetáculo...

CARLOS – É mesmo uma doença terrível.

LIEBERMAN - Curiosamente tem predileção por agredir Jânio, o único negro. Logo ele que tanto combateu o racismo. Mas não vejo nisso crueldade, e sim, uma reação primitiva ao medo. Imagine o espanto causado pelas pessoas de cor nas crianças que, assim como papai, eram recém-chegadas da Polônia. Os negros certamente traziam mais assombro que os nazistas, seus semelhantes. Agora imagine o que é ter um desses a tentar arrancar-lhes as fraldas. Cheguei a cogitar substituir Jânio, para aplacar seu desconforto, mas não seria justo tirar o emprego de um funcionário exemplar. Tivesse em pleno juízo, papai também não aprovaria.

CARLOS – Certamente não. Dr. Lieberman foi um grande humanista.

LIEBERMAN – Um grande advogado de causas sociais, eu diria. Papai gostava de estar junto aos desvalidos – muito antes disso se tornar modismo. Estrangeiros, pretos, mulheres, homossexuais e até mesmo certos tipos de criminosos, quando reconhecia neles o produto das mazelas da nossa sociedade... Alimentava-se dos seus padecimentos. Não raro, mostrava mais ânimo que as próprias vítimas. O jeito calado enganava - tornava-se um monstro quando advogava em prol dos seus protegidos.

CARLOS – Seu pai lutou contra tudo e contra todos atrás de justiça.

LIEBERMAN – “Justiça”... É bastante difícil, em certas ocasiões, se chegar ao justo. Não concorda, delegado?

*Carlos pensa em argumentar, mas é interrompido.*

LIEBERMAN – Veja o senhor... Ainda que eu arranque pequenas fortunas em indenizações, o que isso valerá para as famílias dessas crianças?

CARLOS – Tem toda a razão.

LIEBERMAN – Sim. E uma vez que elas jamais terão seus meninos de volta, o mínimo que busco é garantir a elas um nome. Um nome para maldizer.

CARLOS – Tenha certeza, Sr. Lieberman, que não existe pessoa no mundo mais empenhada em por as mãos neste crápula que eu.

LIEBERMAN – Eu acredito no seu empenho, delegado.

*Estevão retorna com um carrinho com pastas.*

LIEBERMAN – Ah! Aí está! Posso?

CARLOS - À vontade.

*Lieberman consulta o material.*

LIEBERMAN – Precisarei de algumas cópias... Isto... Isto... Os laudos médicos?

CARLOS – (retira da gaveta) Aqui estão.

LIEBERMAN – Ah! (analisa) Creio que esteja faltando algo, delegado. Há poucas fotos aqui. Eu sei que o senhor guarda outras.

CARLOS - As informações estão detalhadas por escrito.

LIEBERMAN - Não basta. Aquelas fotos são meu maior trunfo. Juiz nenhum ficará impassível diante delas.

*Carlos, aborrecido, apanha as fotos.*

CARLOS – Aqui estão.

LIEBERMAN - De ambos os meninos?

*O delegado concorda com um sinal de cabeça.*

LIEBERMAN – Obrigado...

*Andrei passa rapidamente as primeiras fotos. Quando chega às fotos do segundo menino, detém-se, avaliando-as. Por fim, entrega-as a Estevão junto com as pastas selecionadas.*

LIEBERMAN - Por favor, policial... Preciso que as cópias sejam em cores.

xxx

*Mudança de cena. Vemos a sombra de um dos atores como uma criança de mochila nas costas e uniforme. Lieberman, com uma pasta debaixo do braço, entra apressado em seu cubículo. Na mesa, distribui as cópias das fotos. Leva a mão ao pescoço, como se lhe faltasse ar. Abre seu notebook. Digita uma mensagem no chat. Recebe uma resposta. Enquanto isso, em um stand, Carlos dá tiros em um alvo com o desenho de um homem. A criança some. Sons de carros de polícia e suas sirenes.*

*A luz se mantém apenas no stand. Benício chega esbaforido.*

BENÍCIO - Delegado? Delegado?

*O chefe não escuta.*

BENÍCIO – (mais alto) Delegado!

*Carlos remove as proteções de ouvido.*

BENÍCIO - Delegado! Eu tava procurando pelo senhor.

CARLOS – O que foi, Benício? Alguma notícia sobre o garoto?

BENÍCIO – Dele nenhum sinal, delegado.

CARLOS – Esteve na escola?

BENÍCIO – Estive, mas ninguém sabe de nada. O menino simplesmente desapareceu de lá, do mesmo jeito que os outros.

CARLOS – E os homens que faziam a guarda?

BENÍCIO – Estavam a postos, mas não identificaram nada suspeito.

CARLOS – Inferno!

BENÍCIO – Delegado... Mas dessa vez acho que tenho uma pista.

CARLOS – Uma pista?

BENÍCIO – Eu fui até o matagal, acompanhar as buscas. Olhe o que encontrei perto do córrego.

*Benício mostra um chaveiro para o delegado – igual ao usado por Lieberman.*

CARLOS – O que é isso?

BENÍCIO – É o chaveiro daquele tal advogado.

CARLOS – Lieberman?

BENÍCIO – O próprio.

CARLOS - Tem certeza?

BENÍCIO – Absoluta. Veja o senhor mesmo.

*Carlos toma o chaveiro nas mãos.*

BENÍCIO - Esse cara é muito estranho, doutor. Eu nunca engoli essa dele ter entrado no caso. Pensa bem! Imagine se o senhor fala por aí que o advogado das famílias é um dos suspeitos. A imprensa ia cair em cima! Falar que o senhor tá inventando isso só pra tirar ele da jogada.

CARLOS - Eu jamais faria isso.

BENÍCIO – Eu sei. Eu conheço o senhor. Mas ninguém da corregedoria vai querer se meter com ele. O sujeito tem as costas quentes, é influente. Tá todo mundo – me

desculpe a expressão - com o cu na mão com essa história de processo! E a hora que esse caso sair daqui, babau! Ninguém mais bota as mãos no cara!

CARLOS – A transferência já foi pedida. O caso vai para o 17.º.

BENÍCIO – Eles não podem fazer isso agora.

CARLOS – Foi uma ordem do corregedor.

BENÍCIO – Me escuta, doutor! Uma única vez! Eu sei bem como esse tipo de coisa funciona na polícia. Eles vão acabar pegando um bandidinho pé-de-chinelo qualquer pra botar a culpa. Depois eles somem com o infeliz e dão o caso por encerrado. Eu já vi isso acontecer – e não foi uma ou duas vezes. Por isso eu digo: se o senhor pode fazer alguma coisa, faça! E faça o quanto antes!

CARLOS – (após ponderar) Está certo. Você tem razão. (Coloca o paletó) Benício, você vem comigo. Temos uma visita a fazer.

xxx

*A sala da casa dos Liebermans. Há algumas plantas no espaço. Batidas na porta. Jânio, o enfermeiro, surge. Olha no olho mágico e abre a porta.*

JÂNIO - Pois não?

*Carlos e Benício entram afastando o enfermeiro. O delegado mostra o distintivo.*



CARLOS - Delegado Carlos Vilanova. Esse é o policial Benício Freitas.

JÂNIO – O que é isso?

*Mostra o documento.*

CARLOS – Temos um mandato de busca e apreensão.

JÂNIO - Vocês não podem entrar aqui.

CARLOS – Eu tenho a autorização de um juiz!

JÂNIO - Dr. Lieberman é advogado!

CARLOS – Pois mostre ao seu patrão. Ele entende disso melhor do que ninguém.

*(Para o policial)* Reviste todos os cômodos, Benício. Sem exceção.

BENÍCIO - Pode deixar, doutor.

JÂNIO – Vocês não podem fazer isso!

*Jânio ameaça ir atrás dele. Carlos o pega pelo braço.*

CARLOS - É melhor você nos deixar fazer o nosso trabalho!

JÂNIO - Vou ligar imediatamente para o Dr. Lieberman.

CARLOS – Faça isso.

*Jânio sai. Instante de silêncio. Uma voz vem do interior da casa.*

O VELHO LIEBERMAN - Andrei?

*Uma luz ilumina outro ponto. Há uma tela translúcida diante do cômodo. Na biblioteca, vemos o velho Liebeman numa cadeira de rodas, de costas para o público. Há alguns vasos de flores no ambiente.*

O VELHO LIEBERMAN - Andrei?

*Carlos vai até ele.*

CARLOS - Dr. Lieberman.

O VELHO LIEBERMAN - Andrei, meu filho? É você?

CARLOS - Dr. Lieberman. Como vai o senhor?

O VELHO LIEBERMAN - Bem. Obrigado.

CARLOS – É um prazer revê-lo. O senhor se lembra de mim? Carlos Vilanova. Fui seu aluno.

O VELHO LIEBERMAN - Como?

CARLOS - Carlos Vilanova. Aluno seu - de Direito.

O VELHO LIEBERMAN - Carlos?

CARLOS – Isso.

O VELHO LIEBERMAN - Ah, sim!

CARLOS - O senhor se lembra de mim?

O VELHO LIEBERMAN – Lembro, filho! Lembro, sim!

*Carlos sorri.*

CARLOS – Suas flores estão muito bonitas. O senhor as plantou?

O VELHO LIEBERMAN – As flores?

CARLOS – Sim.

O VELHO LIEBERMAN – É. São bonitas.

CARLOS – Muito bonitas.

O VELHO LIEBERMAN – E o seu pai?

CARLOS – (*estranha a pergunta*) Meu pai?

O VELHO LIEBERMAN - É.

CARLOS - Meu pai é falecido. Há um bom tempo.

O VELHO LIEBERMAN - Aaah, sim.

*O velho faz uma pequena pergunta em polonês.*

CARLOS - Como?

*Repete a pergunta. Jânio retorna.*

JÂNIO - Eu já avisei o Dr. Lieberman. Ele está a caminho!

CARLOS - Muito bem. Nós o aguardaremos.

*Som de uma porta sendo forçada.*

JÂNIO – O que é que está acontecendo?

CARLOS – Estamos revistando a casa.

JÂNIO – O doutor não autoriza que ninguém entre naquele quarto.

CARLOS – Isso é responsabilidade minha, agora.

O VELHO LIEBERMAN – Quem está aí?

JÂNIO – Não é ninguém, Dr. Lieberman.

O VELHO LIEBERMAN – Tem alguém aí. Tem alguém na casa.

CARLOS - Fique tranquilo, Dr. Lieberman.

O VELHO LIEBERMAN – Quem é você? O que você está fazendo aqui?

CARLOS – Carlos. Carlos Vilanova. Fui seu aluno, Dr. Lieberman. O senhor não lembra? Eu sou da polícia agora.

O VELHO LIEBERMAN – Saia daqui. Saia daqui!

JÂNIO – Você está deixando ele agitado!

O VELHO LIEBERMAN – (aos gritos) Saia daqui! Saia daqui!

JÂNIO – Por favor, se afaste.

O VELHO LIEBERMAN –(aos gritos) Saia daqui! Saia!

*A porta é rompida. O velho grita em polonês.*

BENÍCIO – (chama) Delegado! Delegado!

*Carlos dirige-se apressado até o policial. O que era visto antes como um cubículo, mostra-se um grande cômodo. Pelas paredes inúmeras fotos e gravuras de crianças retiradas de anúncios. Boa parte com nudez ou semi-nudez. Há pilhas de jornais e revistas. Algumas estátuas de querubins decoram o ambiente.*

BENÍCIO - Delegado. Olhe para isso.

*Carlos observa o ambiente. Pega, de sobre a mesa, a cópia da foto de uma das crianças mortas. Benício analisa o notebook de Lieberman.*

BENÍCIO – Olhe aqui, doutor! Ele tá marcando um encontro com um menino. Aluno da escola!

CARLOS – Tire fotos de tudo, Benício. E recolha isso.

*Jânio entra com Lieberman.*

JÂNIO - Olhe, doutor. Eu não pude fazer nada. Quando vi já estavam na porta.

LIEBERMAN - Fique tranquilo, Jânio.

CARLOS – (Apontando o distintivo) Andrei Lieberman Filho: o senhor está preso.

xxx

*Durante a transição de cenário o advogado é levado até uma cela que fica sobre uma plataforma móvel. A cela logo some. Carlos, ajuda na montagem do cenário: a sala da delegacia. Enquanto a operação acontece, fala ao celular, preso contra o ombro.*

CARLOS – ...Sim, doutor. Apreendemos algumas fotos e revistas e um notebook. As provas foram enviadas para análise, mas tenho fortes razões para acreditar que ele é o homem que procuramos. Não, doutor, ele não quis prestar depoimento. Estamos aguardando seus advogados. (Ríspido) Doutor! Eu sei muito bem quem ele é e sei também qual o meu trabalho. O caso ainda está em minhas mãos e eu não vou admitir nenhum tipo de interferência. Passar bem.

*Desliga o telefone. Liga novamente, terminando de montar a última parede.*

CARLOS – Amor. Peguei o cara!

XXX

*Delegacia. Um dia depois. Carlos em sua mesa, pensativo. Estevão entra.*

ESTEVÃO – Doutor?

CARLOS – Oi, Estevão. Alguma novidade dos peritos?

ESTEVÃO – Não ainda. Mas tem um tipo aí querendo falar com o senhor. É da parte do taradão.

CARLOS - Advogado?

ESTEVÃO - Não tem pinta.

CARLOS – Bom... Mande entrar.

*Estevão sai em busca do visitante. Entra com Dr. Patruski. Por volta de 50 anos, baixa estatura. Traja um terno xadrez e uma gravata borboleta. Traz uma maleta.*

DR. PATRUSKI - Boa tarde, delegado.

CARLOS - Boa tarde.



DR. PATRUSKI – (estende a mão) Dr. Elias Patruski. Eu sou o psiquiatra do Dr. Lieberman.

CARLOS – E em que posso ajuda-lo?

DR. PATRUSKI – (*indicando a cadeira*) Posso?

CARLOS – Por favor.

DR. PATRUSKI – Com sua licença.

*O médico senta-se diante do advogado. Apoia a maleta sobre a mesa e retira dela remédios e alguns documentos.*

CARLOS – Soube, na noite de ontem, da detenção do meu paciente. Andrei tem se tratado comigo há alguns anos. Atualmente, faz uso de alguns medicamentos e, para o bem de sua saúde, não deve interromper seu uso enquanto estiver aqui. São estes. Aqui, o senhor tem a cópia da receita e o laudo médico, se necessário.

CARLOS – Pois bem, Dr. Patruski. Pedirei urgência para que os nossos médicos avaliem o caso...

DR. PATRUSKI – Agradeço o cuidado.

CARLOS – Mais alguma coisa?

Dr. PATRUSKI – Eu sei que isso não é de minha alçada, mas o senhor também deve ter lido nos jornais, que um homem, que mora próximo à escola, contou a um repórter que levou Andrei até o córrego para que tirasse algumas fotos. Sua intenção era a de documentar melhor o processo que move, uma vez que o material fornecido pela polícia não tinha a qualidade adequada. Certamente foi nessa ocasião em que perdeu o tal chaveiro.

CARLOS - Dr. Patruski... Eu realmente não posso tratar desse assunto com um médico. Seu paciente tem a disposição um escritório inteiro com advogados dos mais experientes. Pode fazer uso deles quando bem entender.

DR. PATRUSKI – Se conheço bem Andrei, delegado, ele irá preferir que o senhor mesmo esclareça o caso e o liberte.

CARLOS – Sendo assim, irá aguardar o tempo que for necessário.

DR. PATRUSKI – Meu paciente tem ciência que não há nenhuma prova substancial contra ele. E nem poderia. Dispensar os advogados foi a forma que encontrou de mostrar a todos sua inocência. Essa prisão já lhe causou um enorme mal, delegado. Seu rosto está em todas as páginas policiais. É a reputação de anos de trabalho, dele e de seu pai, que está sendo maculada.

CARLOS – A polícia apenas relatou os fatos à imprensa.

Dr. PATRUSKI – Delegado... O senhor sabe bem como funcionam essas coisas. As pessoas nunca se permitem enxergar os fatos como realmente são. Já se iniciou um verdadeiro tribunal nas redes sociais. Exige-se pena de morte, castração química... Todos o tem agora como uma ameaça – e isso inclui as famílias das vítimas. O que ninguém percebe é que o que se dá é exatamente o oposto. Andrei ama as crianças. Jamais as machucaria.

*Carlos, impaciente, menciona falar algo, mas é interrompido. Dr. Patruski abre o laudo que está sobre a mesa e mostra ao delegado.*

Dr. PATRUSKI – Com sua licença... Este laudo traz mais informações sobre o caso clínico em questão. O senhor afirma que meu paciente é pedófilo...

CARLOS – Os indícios são claros...

DR. PATRUSKI – Sim! O senhor está certo com relação à sexualidade do meu paciente. Andrei tem, de fato, atração por crianças - meninos, em especial. Seu corpo reage aos sentimentos que possui – nada mais comum em se tratando de paixões. E foi exatamente isso que o levou até a mim. Ao contrário da maioria nesta situação, ele sabe que detém aquilo que muitos chamam de “perversão. Mas Andrei nunca quis incorrer em crime algum. Por isso, trabalhamos todo esse tempo para canalizar seus desejos. As fotos e vídeos que foram encontrados em sua casa são de origem lícita. São, em sua maioria, peças publicitárias. E se há alguma responsabilidade na disponibilidade desse material, ela não pode ser imputada ao

meu paciente. O uso que Andrei faz disso, em sua intimidade, diz respeito somente a ele. O mesmo se dá com relação aos seus contatos virtuais.

CARLOS – O que o senhor sabe sobre isso?

Dr. PATRUSKI – Andrei é integrante de um clube online para fetichistas.

CARLOS – “Clube online”? E como seria isso?

DR. PATRUSKI – Trata-se de um grupo no qual profissionais do sexo atendem a homens e mulheres com... “Orientações heterodoxas” - podemos assim chamar. Andrei tem saído com rapazes que se passam por garotinhos. Eles realizam alguns jogos eróticos, simulações, mas tudo feito em perfeita segurança e com total consentimento. Eu mesmo indiquei o serviço. Acreditava que o senhor estivesse a par desse artifício. Em sua última consulta, Andrei me contou que um de seus homens o seguiu e o viu com um desses rapazes. Chegou a agredi-lo pensando que se tratava de um menor. Creio que ele mesmo possa confirmar a informação. Seu nome é... Estevão, se não me falha a memória.

*O delegado encara o policial. O psiquiatra acompanha o movimento de ambos.*

CARLOS – Irei averiguar. Mais alguma coisa?

DR. PATRUSKI – Não. Creio que seja isso.

*Levanta-se e estende a mão ao delegado, que a aperta, sem vontade.*

DR. PATRUSKI - Espero que em breve o senhor possa admitir à imprensa que tudo não passou de um engano. Seria impensável dadas as recentes desavenças, mas Andrei diz admirar seu profissionalismo.

*Já na saída.*

DR. PATRUSKI – Ah! Mais uma coisa! Se me permite a intromissão... É apenas um conselho de quem dedicou uma vida inteira a estudar a mente humana... A julgar pelo padrão dos crimes, não há sinal algum de que estamos diante de um ritualista metódico, alguém que eleve os assassinatos que pratica a um... “Estado de arte”, por assim dizer. Longe disso. Se não encontraram vestígios isso talvez se deva mais à inexperiência dos legistas e à ineficiência dos seus métodos que ao rebuscamento do assassino. É bom lembrarmos que estamos no Brasil, delegado - e não em Hollywood. Um criminoso dessa estirpe, na América, já estaria preso há tempos. Passar bem.

*Sai. Carlos olha severamente para Estevão.*

CARLOS - Confere o que ele diz? Estevão? Você agiu em nome da polícia?

ESTEVÃO – Eu fiz isso por conta própria, ok? Sem isso aqui (puxa a farda) eu não devo obediência a ninguém.

CARLOS – Você o agrediu!

ESTEVÃO – Eu dei nele sim! Meti um soco na cara dessa bicha! E ele apanhou quieto – sabe por quê? Porque sabe que merece! Por que tem culpa no cartório.

CARLOS - Talvez ele não tenha te denunciado porque se sentiu coagido. Se coloque no lugar dele.

ESTEVÃO - Essa é boa: me colocar no lugar de um tarado! Se coloque você no lugar dos pais dessas crianças! Faça isso uma única vez e veja se consegue manter essa pose. Talvez você pense que é inatingível porque no colégio de riquinho onde teu filhinho estuda, nenhum estranho entra sem um crachá pendurado. Ou porque ele não precise andar a pé por aí, porque o papai e a mamãe deixam ele todo santo dia no portão da escola. Mas essa não é a vida dessa gente, delegado. No mundo real, merdas acontecem a todo instante!

Você não sabe o que é ter um filho desaparecido, numa cidade como essa, cheia de gente da pior espécie, e não poder fazer absolutamente nada! Se sentir totalmente impotente, tendo que depender de uma polícia abarrotada de vagabundos que não movem uma palha pra te ajudar. Você não imagina o que é esperar dias e dias por uma notícia e ser acordado, com um telefonema, no meio da madrugada para escutar alguém do outro lado dizer que você precisa ir até o IML reconhecer um corpo que tem “características iguais às do teu menino”. Não... Você nem imagina o que é isso. E nem poderia. A realidade é sempre muito pior do que parece, delegado.

Imagine o que é para um pai, depois de olhar para o rostinho do seu menino já morto, ainda ser forçado a escutar da boca de um médico, que um desgraçado... (com um nó na garganta) Que um desgraçado...

CARLOS – (*Levanta-se e grita*) Escutar o quê? Escutar o quê, Estevão? Que um desgraçado, com um pau gigantesco, arregaçou o cu do seu filho? Que meteu no teu menino até arrebentar ele inteiro? E que depois de ter feito dele sua putinha ainda tirou o pau cheio de sangue e bosta e fez o pobrezinho engolir tudo até encher a garganta dele de porra? E que depois de ter feito o serviço, ainda pegou o teu filho, o teu único filho, desmaiado, machucado - mas com vida! - e atirou o corpo dele em um córrego imundo, cheio de lixo, para que morresse afogado? Eu me ponho no lugar desses pais, Estevão. Ao contrário do que você imagina, eu faço isso todo maldito dia! E é só por isso que eu estou aqui! É por isso que eu decidi largar tudo, contra a vontade de todos, e me tornar um delegado de polícia!

Mas da mesma maneira que eu não quero que um maluco desses faça mal a mim ou às pessoas que amo, eu não quero ser vítima de um desequilibrado que, só por usar uma farda, acredite que tem o direito de achacar, bater, humilhar, com a certeza que nunca será punido.

Instante de silêncio.

CARLOS - Vá até a cela do Sr. Lieberman e o solte.

ESTEVÃO – Como é?

CARLOS – Você ouviu.

ESTEVÃO - Se tu colocar esse cara na rua, aí sim vai virar motivo de chacota.

*Carlos esmurra a mesa.*

CARLOS – Eu dei uma ordem, policial! Eu quero aquele homem solto - imediatamente!

XXX

*Parte da parede da delegacia é desmontada. Os atores que vivem Carlos e Estevão trazem a cela com Lieberman para a frente do palco. Carlos sai de cena. Estevão abre a cela.*

LIEBERMAN - Quem lhe mandou me libertar, policial? Creio que tenha sido o delegado. Seu superior é um homem justo. Sei que despreza meus desejos. Pode ser mesmo que eles sejam tortos, mas tortos são os desejos de qualquer homem. No entanto, minha conduta é irrepreensível.

*Já na saída.*

LIEBERMAN – Há que se considerar ainda um pormenor, ao qual ninguém aqui se ateu. Fosse eu o assassino, haveria muito menos sangue. Eu não tenho uma britadeira dentro das calças, policial. Longe disso.



*Na sala do delegado, apenas o policial Benício. Lieberman entra.*

LIEBERMAN – Como vai, policial Benício? O delegado?

BENÍCIO – (ríspido) Não está.

LIEBERMAN - Ah. É uma pena. Gostaria de me despedir.

BENÍCIO – Suas coisas.

*Lieberman apanha sua carteira e os remédios.*

LIEBERMAN – Obrigado. E quando poderei reaver o resto dos meus pertences?  
Tenho grande apreço pela minha coleção.

BENÍCIO - Isso é com ele.

LIEBERMAN - Está certo. Logo entro em contato.

*Ele reflete um instante e devolve os medicamentos.*

LIEBERMAN – Pode ficar com isso. Tenham uma ótima tarde.

*Lieberman sai.*

ESTEVÃO – Onde ele foi?

BENÍCIO – Foi pedir a sua suspensão.

ESTEVÃO – Filho de uma puta.

BENÍCIO – Mas dessa vez ele também se fodeu. O corregedor já soube da soltura do sujeitinho. Deu ordens para que o caso vá para o 17º ainda hoje.

ESTEVÃO – Merda! Esse idiota fodeu tudo!

BENÍCIO – Nada me tira da cabeça que esse cara tá metido até o pescoço. Se o delegado tivesse dado uma prensa, ele confessava.

ESTEVÃO – E o anormal ainda vai sair como vítima.

BENÍCIO – Estevão...

*Estevão olha para o colega.*

BENÍCIO – A gente não pode deixar isso assim. (pega sua arma) Venha comigo. Dessa vez ele não escapa.

*Estevão também pega seu revólver. Eles saem de cena. Uma brecha é aberta. No ambiente quase escuro, vemos Lieberman. Os policiais vestem capuzes. Eles o*

*imobilizam, tapam sua boca e o arrastam. Ao primeiro soco, dado no estômago, a luz apaga.*

xxx

*Casa dos Liebermans. Batidas na porta. Ninguém atende. Um tempo depois, Carlos entra. Analisa o ambiente por um instante. Um enfermeiro se aproxima, inicialmente desconfiado.*

ENFERMEIRO – Pois não?

CARLOS – Ah. Bom dia. Desculpe entrar assim. Eu bati e ninguém atendeu.

ENFERMEIRO – O que o senhor deseja?

CARLOS – Meu nome é Carlos. Sou um amigo da família. Eu gostaria de ver o Dr. Lieberman.

ENFERMEIRO – Ah... O senhor não soube?

CARLOS – Ah! Desculpe! Na realidade, eu gostaria de ver o Dr. Lieberman pai.

ENFERMEIRO – Ah, sim! É que quase ninguém aparece aqui para visitá-lo.

CARLOS – E como ele tem passado?

ENFERMEIRO – O doutor já não se atina mais em nada. Está na biblioteca agora, descansando. Por um lado, isso até é bom. Imagine ter que passar por isso no final da vida. Saber que o filho foi vítima de uma barbaridade como essa. Logo eles que sempre ajudaram tanta gente. É difícil imaginar que no mundo possa ter gente assim.

CARLOS – É. É difícil aceitar.

ENFERMEIRO – Eu estava indo cuidar do banho do Dr. Lieberman. Caso o senhor queira vê-lo...

CARLOS – Obrigado. Eu sei o caminho.

ENFERMEIRO – Fique à vontade. Qualquer coisa estarei lá dentro...

*Carlos vai até a biblioteca. O velho está recostado em sua cadeira, olhos fechados.*

*Carlos senta-se diante do professor.*

CARLOS – Eu juro, Dr; Lieberman, que vou fazer justiça. Justiça pelo seu filho e justiça por tudo o que o senhor fez. O senhor ainda vai sentir muito orgulho de mim. Eu ju...

*Ao tocar na mão do professor, Carlos nota que está fria.*

xxx

*Delegacia. Dias depois. Carlos entra, apressado. Veste o paletó, desliga o computador. Benício entra para guardar suas coisas. Finge ignorar o chefe.*

CARLOS – Viu o Matias por aí, Benício?

BENÍCIO – Não.

CARLOS – Mais uma vez isso? Bom... Se alguém me procurar diga que...

BENÍCIO – Meu expediente também acabou.

CARLOS – Está certo... Tudo bem. Pode ir então.

*Benício sai. Carlos pondera a situação, irritado. Tira o casaco, religa o computador. Pega o celular.*

CARLOS – Oi, filho. É o pai. Surgiu um problema aqui no trabalho, eu não vou poder te levar para a nataçãõ hoje. Não. Tua mãe também não pode. Ela tem uma reunião importante agora a tarde. Não, Pedro, você não vai ligar pra ela. Você sabe que ela não gosta que liguem quando ela está ocupada! Eu sei, filho, mas acontece. Pedro! Me escuta! Na 4ª você vai, tá bem? Ficar um dia sem ir à nataçãõ não vai fazer diferença. Não, Pedro. Você não sabe ir de ônibus. Não insista, Pedro. Você não vai e assunto encerrado. Olha: se você sair de casa, sem a minha autorização, vai se ver comigo - e eu não estou brincando! Tá avisado! (desliga) Saco!

*Lieberman entra. Usa uma muleta. O rosto ainda traz as marcas da agressão. Traz um vaso. Nele, há minirrosas ainda em botão.*

LIEBERMAN - Delegado.

CARLOS – Sr. Lieberman!

LIEBERMAN - Espero não estar incomodando.

CARLOS – Como vai? Vejo que está se recuperando.

LIEBERMAN – Estou, sim. A passos largos, dizem os médicos. Agora que fui afastado do escritório pelos meus sócios posso me dedicar em tempo integral à minha saúde.

CARLOS – É uma boa notícia.

LIEBERMAN – Disseram-me que estive no hospital.

CARLOS – Sim. Logo que soube. Mas o senhor ainda estava desacordado.

LIEBERMAN – Tenho a impressão que dormi por uma eternidade nesses últimos tempos.

CARLOS – Não quer se sentar?

LIEBERMAN – Ah, obrigado.

*Carlos ajuda o advogado.*

LIEBERMAN – Eu lhe trouxe isso. São minirrosas. Pertenciam a papai.

CARLOS – Não precisava...

LIEBERMAN – Ainda estão em botão... É uma forma de agradecer sua gentileza. Quero que saiba que não tenho nenhum rancor por tudo o que aconteceu.

CARLOS – Muito obrigado. Cuidarei bem delas, pode ter certeza.

LIEBERMAN – Estou certo que sim.

CARLOS – Na realidade, Sr. Lieberman, eu estive no hospital, pois precisava falar com o senhor.

LIEBERMAN – Alguma notícia sobre o garoto?

CARLOS – Não. Nada até onde sei. É sobre a agressão do qual o senhor foi vítima. Tenho uma suspeita de quem tenham sido os autores e acredito que o senhor possa ajudar com mais informações.

LIEBERMAN - Não se preocupe com isso, delegado. Eu já abri uma queixa.

CARLOS – Já?

LIEBERMAN - No 17°. Não é nada pessoal, espero que entenda, mas tenho grande interesse que tudo seja esclarecido o mais breve o possível.

CARLOS – Está certo.

LIEBERMAN – Sabe, delegado... Em um tempo não tão distante eu teria deixado isso de lado, sofreria essa violência em silêncio, como já o fiz outras vezes - calado por uma culpa que a cada dia entendo menos de onde vem. Mas eu estou mudando. Esses últimos episódios têm me ajudado a ver com maior nitidez toda essa situação. Ao mesmo tempo em que reconheço a banalidade da esmagadora maioria das pessoas, eu compreendo, acato e acolho com satisfação crescente minha própria essência. E quanto mais incisiva for a perseguição que eu vier a sofrer, mais veloz e mais intensa será a minha vontade de expandi-la.

Eu não consenti ser morto pelas mãos daquelas pessoas. Eu me protegi do jeito que pude. Fugi aos berros, implorei ajuda aos vizinhos, bati em suas portas. Gritei com todo ar que me restava nos pulmões, até que as luzes das casas se acendessem e estranhos viessem ao meu socorro. Só quando parei de sentir os pontapés e socos daqueles criminosos e passei a sentir as mãos caridosas dos meus protetores é que me permiti perder a consciência... Pode parecer estranho, delegado, mas foi a primeira vez que escutei o meu próprio grito. E eu gostei de ouvi-lo.



CARLOS – O senhor fez a coisa certa.

LIEBERMAN - Fossem os agressores pais ou parentes daquelas crianças, armando uma emboscada na certeza que sou o assassino, eu os respeitaria. Mas se estivessem, de fato, atrás de vingança, não me atacariam com os rostos cobertos. Essa tentativa de linchamento foi obra de pessoas motivadas por algum tipo de raiva passageira, mais ligada às próprias frustrações e neuroses do que àquilo que chamo “justiça”. E sentimentos dessa ordem não mais me interessam.

CARLOS – Pouco importa a motivação. O que fizeram com o senhor foi monstruoso.

LIEBERMAN – Não monstruoso o suficiente.

*Carlos sorri da ironia.*

LIEBERMAN – Outro dia conheci seu filho.

CARLOS – Pedro? Onde foi que o viu?

LIEBERMAN – Tenho feito hidroterapia. Por coincidência, na mesma escola onde ele pratica natação. Cruzamo-nos a todo instante. Na piscina, no vestiário... Na lanchonete...

CARLOS – É mesmo uma coincidência...

LIEBERMAN – Outro dos caprichos do acaso. Está se tornando um bonito rapaz...  
Não fica aliviado? Que logo deixe de ser uma criança?

CARLOS – Por que ficaria?

LIEBERMAN – O senhor já notou que o pênis de um jovem menino lembra muito o botão de algumas espécies de flores? O prepúcio cobrindo a glândula... É como pétalas, ainda fechadas, a guardar-se, à espera do seu amadurecimento...

*Em um gesto ameaçador, o delegado ergue o queixo. Ainda assim, deixa que o outro prossiga.*

LIEBERMAN - Quando a maioria de nós olha para a genitália de um garotinho, não se dá conta, ou não quer se dar, que ele já carrega em meio às pernas sua pior arma - e a sua mais perversa armadilha... Nós buscamos nos enganar com relação ao real caráter das crianças. Falamos de sua inocência, sua pureza – e queremos protegê-las, preservá-las. O resultado disso é que acabamos por deturpar suas personalidades com doses de histeria, hipocrisia e cinismo. Mas a verdade é que os adultos têm menor importância na formação dos filhos do que acreditam. Fosse assim, as crianças da Escola Municipal ainda estariam vivas.

CARLOS – O que exatamente você quer dizer com isso?

LIEBERMAN - Há coisas que são imutáveis na natureza dos homens, delegado, e que já se fazem presentes na infância: a violência e a paixão; a sede de dominação

e a ânsia de entrega; a imensa excitação frente ao desconhecido... Já está tudo lá – desde sempre. Tudo calculadamente programado - como o botão pronto para florir. E o seu Pedro não é diferente...

CARLOS – Eu não sei onde você quer chegar com essa história, Sr. Lieberman, mas eu vou lhe dar um único aviso: não se aproxime do meu filho.

LIEBERMAN – Eu tenho me aproximado de Pedro tanto quanto nossa lei permite - e sou capaz de afirmar que ele gosta de ter-me por perto, observando-o. Talvez espere meu próximo passo.

*Carlos se levanta em um rompante. Ergue o advogado pelo colarinho.*

CARLOS – Se atreva a fazer isso e eu acabo com você!

LIEBERMAN – (com uma contida raiva) E não é exatamente o que sempre quis? Que eu lhe desse um motivo para que me punisse? Não é isso o que deseja todas as manhãs quando lustra seu distintivo ou guarda seu revólver no coldre? Uma oportunidade para arrebentar minha cara, ou então meter uma bala em minha nuca?

*Num gesto objetivo, arranca a mão do delegado das suas roupas. Busca apoiar-se na cadeira.*

CARLOS – É melhor que você vá embora daqui! Antes que eu perca a cabeça.

*Lieberman pega suas muletas.*

LIEBERMAN – Eu vou. Mas saiba que você não é o bom homem que acredita ser, delegado. É apenas correto. E melhor que ninguém sei o sacrifício descomunal que isso exige. Assim como você, eu fui a vida toda um prisioneiro. Mas agora me dei conta que as portas desta cela sempre estiveram abertas... Você não vê? Essas fantasias tolas em que investimos nossas energias para aplacar, por meros instantes, as reais vontades que nos movem são excessivamente assépticas, regradas, pálidas. E quando elas perdem sua força, nós nos vemos impelidos a buscar outras, mais elaboradas, mais caóticas... Estou certo que foi assim com aquele homem, foi assim com aquelas crianças. De alguma forma, eles descobriram que para se ter uma experiência plena, íntegra, é preciso borrar as fronteiras, mandar às favas os limites. Mas e nós, delegado? Até quando iremos resistir? E para quê?

CARLOS – Seu doente... Saia daqui.

LIEBERMAN – Quanto a mim, eu tenho a impressão que sou um dique – muito, muito perto de romper. E isso me faz sentir uma expectativa... Estonteante.

CARLOS – (grita) Saia daqui! Saia daqui!

LIEBERMAN – Até a vista, delegado. Talvez voltemos a nos encontrar.

*Lieberman caminha em direção à saída. Carlos pega sua arma e o segue. Aponta para ele. Sem se virar, o advogado para - inabalável. Os policiais surgem em cena – separam as placas que formam a parede da delegacia. Revela-se, ao fundo, uma tela em branco. Depois de um instante, Lieberman, enfim, sai. Nesse momento, Carlos vira-se para a tela, arma empunhada. O cenário do seu jogo de videogame é projetado, mas sem a imagem do jogador. A ação começa. É Carlos quem percorre o labirinto, disparando contra os inimigos.*

FIM

Para um elenco reduzido, os papéis poderão ser distribuídos da seguinte forma:

- CARLOS
- LIEBERMAN / O VELHO LIEBERMAN
- BENÍCIO / DR. PATRUSKI / ENFERMEIRO
- ESTEVÃO / JÂNIO